

# “O LÁBARO”

PENSAMENTO GLOBAL, AÇÃO LOCAL

WWW.JORNALOLABARO.COM.BR

**MEIO AMBIENTE:  
É PRECISO CRIAR A CULTURA  
DA CONSERVAÇÃO.**

**Página 3**

**REDEMOCRATIZAÇÃO DEU POUCA  
IMPORTÂNCIA AO DISCURSO  
NACIONALISTA DE BRIZOLA.**

**Página 5**

**PRECISAMOS  
FICAR ATENTOS  
À DENGUE**

**Página 9**

## Estrada de ferro no caminho de Paracatu

**Página 6**



 **GRANDE  
OPORTUNIDADE**  
f@/coopervap



Agro Veterinária  
**Coopervap**  
AQUI TEM *tudo de melhor* PRA VOCÊ!



**SILO CÔNICO METÁLICO  
CASP 6,93 TONELADAS**

60X DE  
R\$ **310,82.**

\*VALOR PELO CONVÊNIO SICOOB NOROESTE  
À VISTA R\$12.300,00



**TRANSFERIDOR DE LEITE  
COMPACTO SULINOX 60L**

60X DE  
R\$ **197,10.**

\*VALOR PELO CONVÊNIO SICOOB NOROESTE  
À VISTA R\$7.800,00



**BETONEIRA 400L PRIME  
MOTOR MONO 2CV**

60X DE  
R\$ **106,13.**

\*VALOR PELO CONVÊNIO SICOOB NOROESTE  
À VISTA R\$4.199,00



**ORDENHA BVS 350L  
2 CONJUNTOS**

60X DE  
R\$ **250,17**

\*VALOR PELO CONVÊNIO SICOOB NOROESTE  
À VISTA R\$9.900,00



**GERADOR 8000CLE  
GASOLINA 4T 8.0KVA 127V**

60X DE  
R\$ **189,52.**

\*VALOR PELO CONVÊNIO SICOOB NOROESTE  
À VISTA R\$7.800,00

## Primeiro Ensaio sobre 2050: talvez não seja um absurdo

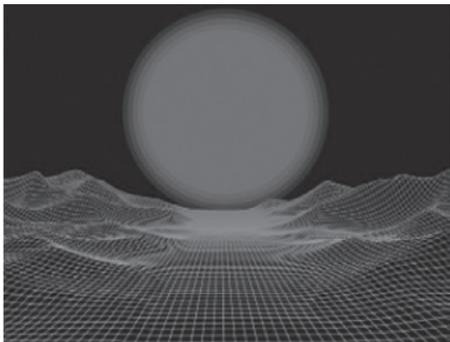
“No caminho da mente à mão, da mão à caneta, da caneta ao papel, muito se perde. O que pensamos não chega ao papel de maneira íntegra, as palavras não permitem que sejam transmitidos todo o conteúdo e a essência de nossos pensamentos, pois são insuficientes para expressar a grandeza de nossa mente (...) E pelas dificuldades que a maioria das pessoas têm em se expressar, podem estar escondidas nossas maiores ideias e essenciais propostas para direcionar o nosso futuro.”

(Ideias sem palavras - Dissertação de Fernanda Trigo, em meados do ano 2000)

Caneta, papel... Há 20 anos isso não era antiquado. Hoje as redações, quando escritas, vão para o professor em formato digital. Rápido, moderno? Sim! Mas não se vê a letra do aluno, tampouco a do professor que a corrige. Relações humanas? Menos, cada vez menos.

Sobre essas e outras reflexões, feitas em papel pelo querer, depois de passar pelo sentir e pelo pensar, apresento a vocês o “Primeiro Ensaio sobre 2050”, de Luciano da Silva Costa:

### O ano é 2050, população mundial: 10 Bilhões de habitantes!



A água é escassa, ainda mais rara, e uma gota vale mais do que qualquer pingente de diamante.

Os veículos elétricos prevaleceram, o ar já não é mais tão poluído, em compensação, o solo e as águas dos rios acumulam detritos e detritos dos mais diversos.

Os mais abastados deslocam-se pelas vias aéreas, fazem viagens espaciais, comentam e aproveitam para compartilhar, através do multiverso, sobre as belezas das luas de Marte e o prazer de escalar inexploradas montanhas e contemplar um longo pôr do Sol, ou um incrível nascer do Sol, visto de Marte.

Enquanto isso, outra parte da sociedade disputa pedaços de terra, buscando cultivar algo. No entanto, cultivar o quê? Faltam sementes, grãos, frutas, flores, amizades reais, falta esperança, falta fé. Há muito vivem assim!

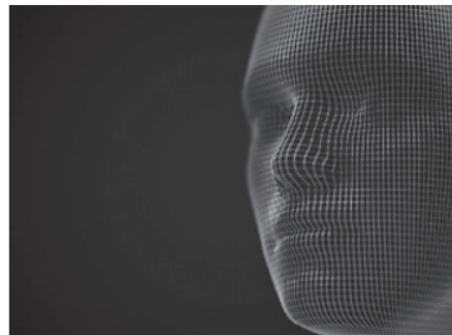
Perda de tempo. Era perda de tempo plantar, cultivar, aguardar para colher, limpar, separar, esperar secar... Hoje está tudo aí, ao alcance de um toque, ou melhor, de um pensar: a assistente digital já definiu o que você quer, quando quer, como e por quê quer. Não precisa nem pedir, pois tantas e tantas vezes as palavras foram repetidas ao longo da semana, que no final de semana a comida já vai chegar, combinando os teus sabores preferidos e com os devidos cuidados para que seja consumido apenas o necessário, somente o necessário. Aliás, final de semana? Já ia me esquecendo, não se usa mais esta expressão, é coisa antiquada.

Agora o tempo se divide de outra forma, o ciclo Solar foi dispensado, por isso, os finais de semana não são mais necessários. Era preciso mais tempo para produzir mais, para fazer mais, para vender mais, para acumular mais e mais e mais. Para quê? Não questione, continue fazendo e não atrapalhe o processo.

Ainda, aqueles menos favorecidos, ali-

mentavam-se das sobras. O que sobrou da política, da educação, da economia, da cultura, o que sobrou de tudo aquilo que não servia para os mais abastados consumirem, uma vez que os menos favorecidos continuavam ocupados, muito ocupados beneficiando alguém que sequer tinha alguma preocupação com eles, pois não passavam de sequências numéricas.

Colocavam a viseira e seguiam todos sob o “manda quem pode, obedece quem tem juízo”. Pensar? Não, isso dá muito trabalho, isso cansa, consome a energia que não conseguimos repor por tudo aquilo que nos falta, nossa assistente digital sabe tudo o que precisamos.



Aqui embaixo, entre um território e outro... Sim, é isso, não existem mais países: após a terceira guerra mundial, nomeou-se tudo como territórios, resumidos em três: a grande América, a grande China e a grande Europa.

Os lugares bacanas nos territórios ainda existem, Nova York, Paris, Tóquio, Londres, Amsterdam... Parte da antiga América e da África, ainda tem muita Natureza, mas esses lugares são perigosos, com seus insetos desconhecidos, principalmente depois de uma época de pandemia. Não os visitamos de fato, apenas observamos à distância, bem à distância. Entre os animais que lá estão, vivem outros símios, disseram que um dia foram nossos antepassados, bem distantes, acredita que comiam coisa da terra? Matavam animais para se alimentar? Um absurdo isso, não!?

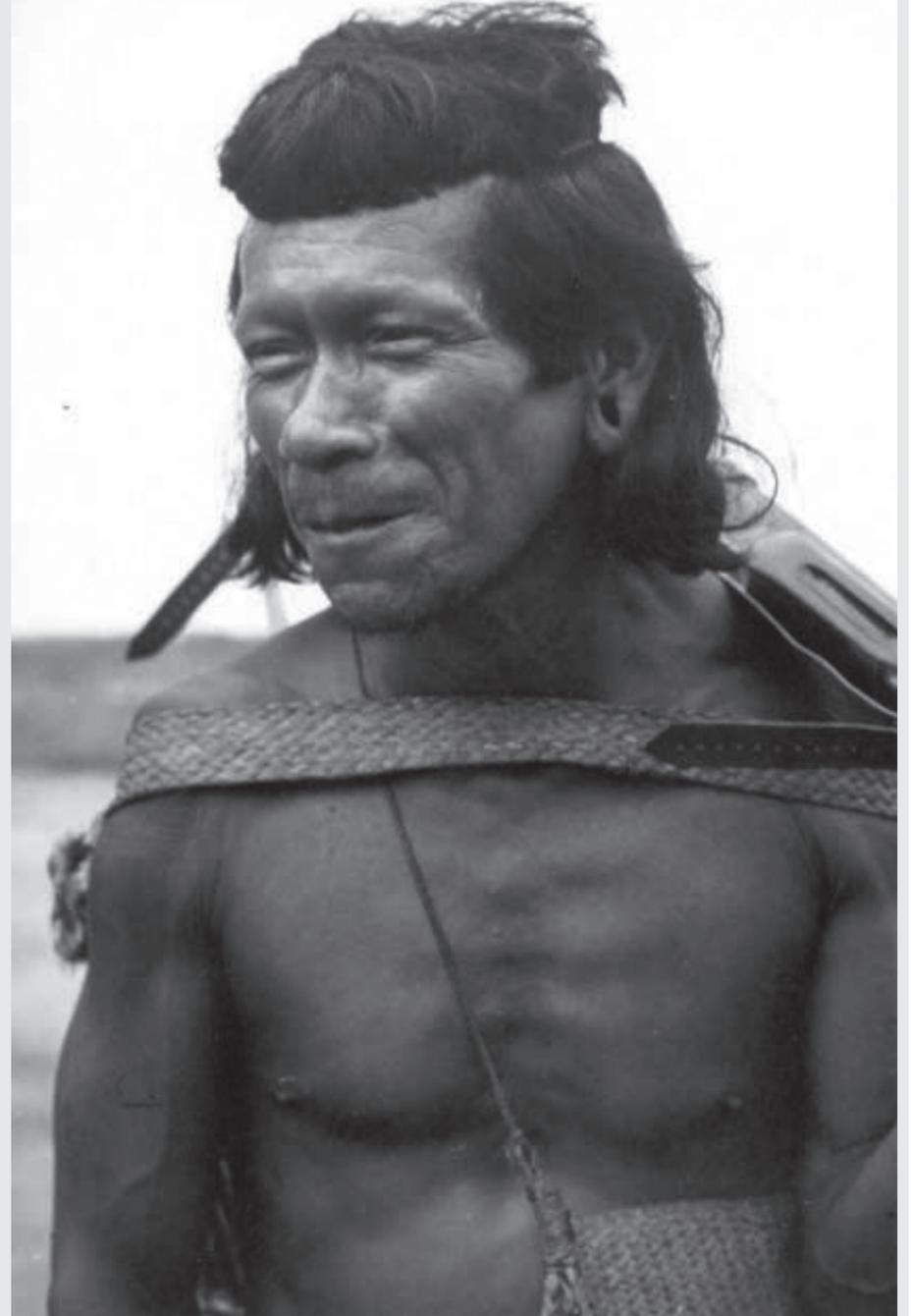
É, talvez seja. Talvez, em 2050, olhe- mos isso tudo como um absurdo!

Fonte: <https://www.historiasquealimentam.com/post/primeiro-ensaio-sobre-2050-talvez-n%C3%A3o-seja-um-absurdo>

**A Editora**

## Krikatis: heróis da amazônia

FOTO: MICHEL PELLANDERS, 1989



**Ivar Hartmann**

Os Timbiras, poema épico de Gonçalves Dias, foi publicado em 1857 na Alemanha. Uns versos: São rudes, severos, sedentos de glória, Já prêlios incitam, já cantam vitória, Já meigos atendem à voz do cantor: São todos Timbiras, guerreiros valentes! Seu nome lá voa na boca das gentes, Condão de prodígios, de glória e terror! Vale a pena ler completo no Google. Os índios krikatis, do Maranhão, são deste povo. Espoliados em suas terras pelos brancos durante décadas, em 1992 tiveram elas reconhecidas pela justiça. São 146 mil hectares, onde vivem agora. Suas lutas atuais, são iguais as descritas por Gonçalves Dias. Só que contra os brancos que continuam invadindo suas terras para derrubar a pouca floresta. Os dados do próprio governo brasileiro, registram um desmatamento recorde.

Cansados de verem suas terras inva-

didas por fazendeiros, grileiros e mine- radores, os krikati foram à luta. Forma- ram uma força policial composta de 15 índios, armados de facões e espingardas que locomove-se com motocicletas e usam o whatsapp para se comunicar. Chamam- se Guardiões da Floresta. Usam botas e uniformes verde-oliva e estão armados com facões, espingardas e os seus cinco sentidos. E lutam sozinhos. Descobrem e queimam acampamentos, expulsam caça- dores e são temidos pelos invasores. “Os madeireiros escondem seus caminhos, mas nós povos indígenas, podemos ler a floresta.” É um trabalho necessário e pe- rigoso, que devia servir de exemplo para todas as demais tribos que vivendo na floresta e da floresta, tem suas terras invadidas. Segundo a FAO o índio é o me- lhor protetor da floresta amazônica. Uma força policial indígena nas suas reservas da Amazônia é algo a temer. Contra inva- sões e derrubadas. Exemplo timbira.

## EXPEDIENTE

**Editora:** Uldicéia Rigueti  
**Contato:** Fone: (38) 99915-4652  
E-mail: [uldiceiaoliveira@hotmail.com](mailto:uldiceiaoliveira@hotmail.com)  
**Jornalista Responsável:**  
Uldicéia Oliveira Rigueti

Registro Profissional: 0021336/MG

**Conselho Editorial:**  
Uldiele Oliveira Rigueti  
Clara Oliveira Rigueti

**Impressão:** Global Gráfica e Editora Eirele  
**Diagramação:**  
Alexandre Sasdelli  
[xandesasdelli@gmail.com](mailto:xandesasdelli@gmail.com)

Os textos devidamente assinados são de responsabilidade de seus autores e não corre- spondem necessariamente à opinião do jornal.

**Ligue e Denuncie**

## Meio ambiente: é preciso criar a cultura da conservação

Lixo: um problema muito sério

Trabalhar o tema “meio ambiente” é aparentemente uma missão fácil, já que ele vem ganhando cada vez mais espaço em nosso dia a dia. No entanto, só faz sentido abordá-lo se houver a intenção de se criar a consciência de sua conservação em toda a comunidade escolar, numa proposta de educação que venha despertar desde as séries iniciais até as mais avançadas.

Trabalhar com projetos de aprendizagem abre na sala de aula um espaço para se desenvolver discussões mais amplas, pesquisas e experiências concretas, que podem chegar a uma mostra científico-cultural, favorecendo o aprendizado, dando a oportunidade de deixar a população ciente dos problemas e necessidades do mundo, de forma geral. Além disso, permite o intercâmbio entre as diferentes disciplinas que o estudante cursa.

Muito se tem falado de conservação do meio ambiente, mas não se criou ainda a consciência de que o planeta precisa urgentemente dos nossos cuidados.

As decisões acerca dos problemas estão caminhando de forma burocrática, ficando somente no papel, sem tomadas de decisões mais sérias, tanto por parte da população como por parte dos governantes. Para exemplificar, basta perguntar quantas escolas têm trabalhado, efetivamente, a discussão sobre o consumo consciente e os impactos que as atividades humanas vêm causando a todo o planeta. Outra questão: em quantas capitais brasileiras se faz a coleta seletiva do lixo? Esse processo é realmente efetivo, por exemplo, envolvendo catadores e cooperativas, dando-lhes condições dignas de trabalho? É bom lembrar aqui o tempo que a natureza leva para extinguir alguns dos principais lixos que recebe. Papel, de três a seis meses; tecido, de seis meses a um ano; filtro de cigarro, cinco anos; chiclete, cinco anos; madeira pintada, treze anos; nylon, mais de trinta anos; plástico, mais de cem anos; metal, mais de cem anos; borracha, tempo indeterminado e vidro, um milhão de anos.



Não pare agora... Tem mais depois da publicidade ;)

O principal nesse momento são as tomadas de atitude, ainda que de forma individual, na esperança de que sirvam de exemplo para as gerações mais novas. E, quem sabe, conseguiremos fazer com que a população acorde para a gravidade da problemática. Devemos mudar nossos hábitos urgentemente! Se, por exemplo, pararmos de utilizar copos de plástico e evitarmos as garrafas pet (Politereftalato de Etila), enviando para a reciclagem as já utilizadas, conseguiremos ajudar muito o planeta. Você sabia, por exemplo, que 90% dos detritos encontrados nos oceanos são compostos por plástico; e destes, quase 30% correspondem às famosas sacolas de supermercado?

Outra atitude simples e importante é a de não desperdiçar comida. Primeiramente, porque é injusto fazer isso enquanto um número enorme de pessoas passa fome; e, dentre outros motivos, porque a maior parte do lixo produzido no mundo é o orgânico.

Para finalizar, devemos assumir, desde já, a consciência de que podemos fazer mais pelo planeta; inclusive, ao alertar outras pessoas sobre seus maus hábitos. Basta querer e acreditar que um simples gesto fará a grande diferença. Basta você querer. E a natureza agradecerá, com certeza.

Por Jussara de Barros e Mariana Araguaia  
Graduada em Pedagogia, e bióloga especialista em Educação Ambiental  
Equipe Brasil Escola

## Abelha, sim senhor!

A importância do ser Abelha: extinção das abelhas provocaria extinção dos humanos em 4 anos

Este tema tem atraído muita atenção, uma vez que as abelhas e outros insetos polinizadores são essenciais para os nossos ecossistemas e biodiversidade. Menos polinizadores é sinônimo de um declínio de várias espécies de plantas, que podem até desaparecer, por dependerem destes animais, direta ou indiretamente. Para além disto, a diminuição do número ou da diversidade das populações de polinizadores tem um impacto na segurança alimentar, com a queda do rendimento de algumas pastagens agrícolas.

Apenas entre outubro de 2018 e março de 2019, 400 milhões de abelhas morreram no Rio Grande Sul. Estima-se que meio bilhão de abelhas morreram em todo território nacional nesse período. Mas, sim, o Rio Grande do Sul detém o primeiro lugar no pódio da mortandade de abelhas.

As abelhas são responsáveis por 75% da produção mundial de alimentos. Não estamos falando de mel. Estamos falando de polinização. Conforme já sinalizamos, a previsão é de um crescimento populacional muito grande, aumentando também, proporcionalmente, a demanda por alimentos. Consegue imaginar o tamanho do desafio de produzir alimentos sem polinizadores? Nem eu.

Por meio de um laudo do Laboratório Nacional Agropecuário do Rio Grande do Sul, constatou-se que a morte das abelhas foi causada por conta do uso de agrotóxicos nas plantações. Apesar disso, o gover-



no federal, até o mês de setembro de 2019 já liberou mais 325 novos agrotóxicos no mercado, além de flexibilizar a avaliação de risco desses produtos.

“Se as abelhas desaparecerem da face da Terra, a humanidade terá apenas mais quatro anos de existência. Sem abelhas não há polinização, não há reprodução da flora, sem flora não há animais, sem animais, não haverá raça humana.”

Albert Einstein (1879 – 1955)

Uma previsão de quatro anos parece alarmista demais. Entretanto, o fato é que sem abelhas, sem insetos, nós não sobrevivemos por muito tempo.

Em resumo, podemos concluir que as abelhas assumem uma elevada importância na vida de todos os seres vivos do planeta, relativamente ao seu alimento. Assim, a sua extinção iria ter consequências trágicas, não só para a Humanidade, mas para a toda a população do Ecossistema Terra.

## Gente Cuidando das Águas aposta na capacitação de produtores rurais em Morro Agudo

Iniciativa da Nexa apoia a comunidade rural com técnicas e metodologias relacionadas à falta de água e produção

Em um ano de retomada das atividades presenciais e de reforço do conteúdo teórico online, o Gente Cuidando das Águas, da Nexa, voltou a realizar ações de capacitação e educação ambiental. O projeto tem o objetivo de apoiar a comunidade de Morro Agudo, em Minas Gerais, a enfrentar os desafios relacionados à escassez de água e interferências na produção.

No total, foram 71 atividades focadas em educação ambiental com produtores rurais e estudantes do ensino fundamental e médio, além da implantação de 32 tecnologias ambientais e proteção de mais de 10km de cercas instaladas na região do córrego Batuque.

“O Gente Cuidando das Águas vem ao encontro do Plano de Desenvolvimento Local construído junto da própria comunidade em 2018, que busca proteger, conservar e preservar a água presente no município. Por meio da capacitação e tecnologias ambientais, é possível gerar impactos positivos para o meio ambiente”, comenta Marina Noronha, coordenadora de gestão social da unidade.

### Proteção ao Córrego do Batuque

Uma das ações mais importantes realizadas pelo Gente Cuidando das Águas foi a proteção ao Córrego do Batuque. Desde 2018, o projeto realiza um levantamento sobre a extensão degradada e, em conjunto com produtores rurais da região, construíram aproximadamente 10 km de cercas para proteger e preservar o córrego do Batuque.

“Os resultados que tivemos na região do córrego do Batuque são excelentes e



fruto de um trabalho conjunto entre a Nexa e a comunidade que está interessada em preservar o meio ambiente. É apenas com a conscientização coletiva e cuidado que será possível diminuir a escassez de água no município”, afirma Marina.

Além de focar na capacitação, o projeto Gente Cuidando das Águas, visa ampliar a participação popular e construir uma rede coletiva de educação ambiental, seja por meio da implantação de novas tecnologias, mentorias técnicas ou ações focadas em nascentes.

Segundo Cecília de Oliveira Melo, produtora rural e que faz parte do Gente Cuidando das Águas de Morro Agudo, o projeto veio para valorizar a vida e a forma como cuidamos da natureza. “Participar do projeto ampliou minha visão de que tudo pode ser melhor ao aderir a novas mudanças ambientais. O GCA é mix de amor, cuidado e preservação deixando frutos para as futuras gerações”, comenta.

QUALIDADE, CONFIANÇA  
E BOM ATENDIMENTO

**ELETRO NEIVA**

O que há de melhor  
em materiais elétricos  
e iluminação!

Não feche nenhum  
orçamento antes  
de passar aqui!  
#cobrimos ofertas

3671.1435 - 9 9845.6096

Rua Josino Valadares, 131 - Centro - Paracatu



# VOLTA ÀS AULAS 2022

**EM PARACATU, ATÉ O FIM DAS FÉRIAS É MOTIVO DE ALEGRIA.**

A Prefeitura de Paracatu está fazendo o dever de casa e investindo verdadeiramente na educação. Com **melhorias no transporte, na estrutura, no projeto pedagógico e na formação e valorização dos profissionais** da educação, a Prefeitura está mudando a realidade do ensino público e a vida de milhares de estudantes. **Prefeitura de Paracatu. A meta é avançar com a educação e estar entre os melhores índices do país.**

## 10 AÇÕES PARA TRANSFORMAR A EDUCAÇÃO

1. Criação de duas **creches emergenciais** nos bairros Prado e Paracatuzinho até a construção dos novos prédios.
2. Introdução da **robótica e distribuição de tablets** em quatro escolas ainda no primeiro semestre.
3. Início do preparatório para o ENEM no primeiro semestre.
4. Instalação de **playgrounds em 18 escolas** do município.
5. Construção da **quadra coberta** na Escola Altina de Paula.
6. Início de construção da nova Creche Chapeuzinho Vermelho e da Escola Cacilda Caetano de Souza.
7. Aquisição de **R\$ 7,5 milhões para a construção** da escola municipal do bairro Jardim Serrano.
8. Início do aguardado projeto da Escola Técnica Agrícola.
9. Distribuição de **kit escolar completo para todos os alunos** da rede municipal.
10. Implantação de **nova cobertura nas escolas** Joaquim Adjuto e Coraci Meireles.



**UM NOVO  
TEMPO  
PARA TODOS.**



# Redemocratização deu pouca importância ao discurso nacionalista de Brizola

Processo avançou mais sob influência do liberalismo do que como conquista das lutas populares

PAULO TIMM\*

A Zé Maria Rabello, in memoriam

Os mais velhos, octogenários — ou quase, como eu — que viveram os tensos anos do pós-guerra até o golpe de 1964, se ressentem, hoje, da ausência de debates e correntes políticas em defesa da soberania nacional.

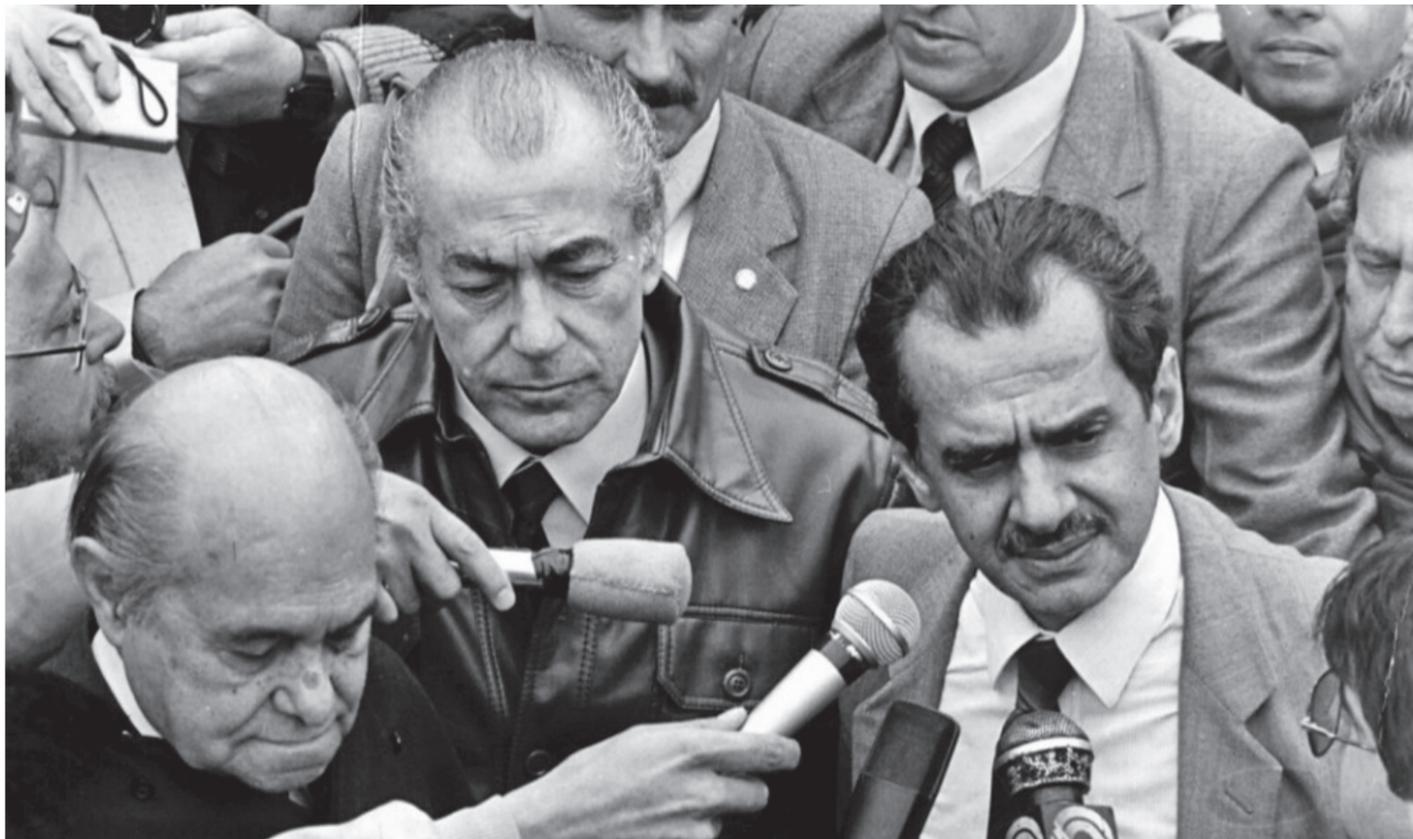
Não obstante, naqueles idos, como se desprende da Carta Testamento de Vargas e do discurso de despedida do então presidente João Goulart, ainda em território nacional, no dia 01 de abril de 1964, o nacionalismo era uma das fortes tendências no espectro das forças progressistas do país. Leonel Brizola preservou este sentimento profundo de defesa dos interesses nacionais, mas acabou ironizado diante de sua persistente denúncia das “perdas internacionais.”

Mesmo aqueles que se sensibilizavam — e ainda se sensibilizam — com a leitura do livro *Veias Abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano, ou equivalentes para outros países e continentes do Terceiro Mundo, expressão que também desapareceu, como de Frantz Fanon, parece que não atinavam na importância do discurso brizolista. Mas ele insistia e fui testemunha de sua tentativa, feita no primeiro encontro dele com seus seguidores, no Palácio Tiradentes, no Rio de Janeiro, em 1980, logo após o dia que ele chorou a perda da sigla PTB, de incluir o “Nacionalismo” na nova sigla a ser criada, que seria o PDT.

Naquela ocasião, ao discutirmos — eu fazia parte deste núcleo desde a assinatura da Carta de Lisboa, em 1979 — o nome do futuro partido, Brizola insistia nesta denominação: PARTIDO DO NACIONALISMO DEMOCRÁTICO TRABALHISTA (PTND). Ele tinha não apenas convicções nacionalistas, próprias do seu tempo, antes que o pensamento único globalizante tomasse conta do mundo ocidental — mas sensibilidade política para compreender a importância desta defesa como um dos elementos do que denominava Fio da História, do qual o trabalhismo era o principal suporte.

Travou-se, então, em plenário, uma intensa discussão sobre estes pontos. Há que se considerar que vivíamos, ainda, o momento da redemocratização, que se consumaria com a vitória de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral de 1985 e posterior promulgação da Constituição de 1988. Os mais jovens estavam muito imbuídos da importância estratégica da questão democrática.

Lembre-mos que até os comunistas se distanciavam crescentemente da fórmula do salto revolucionário e da fase da ditadura do proletariado, fosse na esteira dos recém lidos escritos de Antônio Gramsci, que nos chegaram pelas mãos de Carlos Nelson Coutinho na década de 1970, a favor da construção da hegemonia, fosse no rastro do eurocomunismo francamente em voga na França, Espanha e alguns outros países europeus. (Eu mesmo, oriundo destas profundezas, antes de aderir ao Brizola, havia passado um tempo em Paris escrevendo um



Tancredo Neves, Brizola e Pedro Simon em São Borja, durante campanha Diretas Já, 1984

livro — O Eurocomunismo hoje — que se perdeu nas minhas andanças).

Até os anos 1970, era comum o debate nos círculos de esquerda, no Brasil sobre qual o caráter da Revolução Brasileira: “Anti-imperialista” com ênfase na contradição Nação-Imperialista, que contemplava um arco de alianças de classes, ou “Democrática”, com ênfase na contradição interna de classes, que recaía na capacidade de organização popular para a realização de tarefas para as quais as classes dominantes davam claras demonstrações de fraqueza.

Resumindo, a ideia “democrática” parecia mais avançada e compatível com as experiências vividas no Brasil desde 1964, quando, na verdade, não percebíamos que o próprio avanço da redemocratização era mais o resultado do arco de alianças em torno do possível — o MDB — sob a égide liberal, do que uma conquista sobre o terreno, exclusiva das lutas populares. Começávamos, também, a esquecer a forte dominância da defesa nacional em experiências revolucionárias em Cuba, no Vietnã, na Nicarágua, talvez na China, fator que aproximava o PCdoB da questão nacional.

Finalmente, mas não menos importante, os grandes nomes, neste momento — 1980 — que se destacavam nacionalmente como defensores do nacionalismo, tal como, por exemplo, o físico José Walter Bautista Vidal e Marco Antonio Campos Martins, meus colegas de “sala-aquário” no IPEA e comigo demitidos no início daquele ano pelo então Ministro do Planejamento Delfim Netto, além do Embaixador Benayon. Todos PhDs com elevada qualificação acadêmica, eram figuras vistas de soslaio pelas esquerdas como quixotescas, sem vínculos com o universo popular e com fortes vínculos com a área militar defenestrada pelo Presidente Figueiredo, como o General Andrada Serpa.

Isso posto, avançavam os debates nos

bastidores da referida reunião no Palácio Tiradentes com a enfática defesa de Brizola da sigla PTND, contemplando o nacionalismo. Muitos oradores se revezaram na tribuna contestando Brizola. Eu fui um deles e, como as discussões não acabavam, depois da minha, que hoje considero malfadada intervenção, Brizola colocou, certo de que venceria, o tema em votação. Uma balbúrdia de braços e mãos levantadas e não raros xingamentos dos que seguiam Brizola mas, no final, ele perdeu.

Acreditem: Brizola perdeu em plenário a denominação do futuro partido! Venceu e pasmem: respeitou. A sigla aprovada, aliás, e que foi para a Ata do evento, lavrada pelo então deputado Lidovino Fanton, que se transformaria no instrumento de fundação do PDT, assim a consagrou para a posteridade. Com um detalhe que poucos perceberam. O nome aprovado foi PARTIDO TRABALHISTA DEMOCRÁTICO (PTD), sem a referência ao nacionalismo, que pareceu ao Fanton, homófona ao PTB de Ivete Vargas e que por isso poderia ser novamente impugnada atrasando mais ainda a legalização do partido, pelo qual Brizola seria candidato ao Governo do Rio em 1982.

Conversou ele comigo nos dias seguintes, na sede do partido, no Setor Comercial Sul, em Brasília, onde eu tinha também a sede do Centro Latino de Altos Estudos (CLAE), falou com os Deputados da bancada — Getúlio Dias, Alceu Collares, Magnus Guimarães, algum outro cujo nome já não lembro — e levou o assunto ao Brizola, que imediatamente concordou. Assim, ficou para a história esse pequeno deslize que, certamente, contribuiu para evitar maiores confusões com o Tribunal Superior Eleitoral. O nome do partido seria PDT.

O que importa de tudo isso, porém, é que, com isso, e sobretudo depois da morte do Brizola, em 2004, a questão nacional não só desapareceu da dicção no novo partido,

como, por ter sido o trabalhismo o porta voz desta corrente, historicamente, perdeu-se a defesa do nacionalismo no cenário político-ideológico nacional.

## Por que conto isso?

Primeiro, porque sou velho e cabe aos velhos a tradição oral. Lidovino Fanton ou Getúlio Dias poderiam também contá-la, mas morreram há muitos anos. Talvez o bravo Alceu Collares ainda se lembre, mas não é chegado à escrita, apesar de ter sido o maior orador que conheci em minha vida, digno das mais caras tradições gaúchas.

Mas deixo o registro, também, como uma página pouco lembrada no PDT de hoje. Mais importante, porém, é o significado desta passagem no eclipse do nacionalismo no Brasil. Ficamos, pretensiosamente, cosmopolitas e como tais, presas fáceis do pensamento único neoliberal, coveiro, tanto da Nação como da Democracia. Brizola viu isso.

E eu só tenho a me penitenciar por não ter compreendido isso naquele dia em que ajudei a derrotá-lo na questão da sigla do novo partido que, sim, deveria ter se chamado, como ele queria PARTIDO DO NACIONALISMO DEMOCRÁTICO TRABALHISTA. Quem sabe ainda corrigimos isso de forma a retomar o lugar que nos cabe no cenário das forças progressistas do Brasil...?

Paulo Timm,  
Signatário da Carta de Lisboa, 1979  
Vale Sagrado do Mampituba,  
15 de janeiro de 2022,  
Ano do II Centenário da Independência do Brasil.

\*PAULO TIMM, aposentado, é economista, formado pela UFRGS. Pós-Graduado na ESCOLATINA, da Universidade do Chile e CEPAL/BNDES. Foi professor da Universidade de Brasília — UNB — e Técnico do IPEA, órgão do Ministério do Planejamento, em Brasília, onde residiu por 35 anos e onde fez sua vida profissional e pública.



## Precisamos ficar atentos à dengue

O mosquito *Aedes Aegypti* é o transmissor da dengue, zika, chikungunya e febre amarela



O alerta a população para que não se descuidem da prevenção à Dengue que continua causando danos à saúde. Com a ocorrência da pandemia e as preocupações voltadas à prevenção da COVID-19, muitos têm se esquecido de observar os cuidados necessários para o combate ao *Aedes Aegypti*, mosquito transmissor da Dengue, Zica, Febre amarela e Chikungunya, o que é uma grande preocupação, pois novos casos destas doenças continuam sendo registrados.

Com o aumento da temperatura e período de chuvas é importante que as pessoas se envolvem nesta questão e observem em suas residências e locais de trabalho se há um ambiente propício à proliferação do mosquito, uma vez que esta é a época do ano mais propícia à proliferação do mosquito. As pessoas devem, ao menos uma vez por

semana, realizarem uma inspeção nas áreas internas e externas de suas residências a fim de recolher materiais que possam acumular água e desta forma se tornar um criadouro para o mosquito. Com a chuvas e a temperatura alta, é um período de atenção, porém o cuidado deve ser permanente, durante todo o ano. É preciso que todos se envolvam nesta campanha de prevenção e combate ao *Aedes Aegypti*, esta é uma luta que não pode parar. As unidades de saúde já estão sobrecarregas por isso a necessidade de ficar atentos para não piorarmos ainda mais a grave situação de saúde pela qual o município vem passando.

O alerta tem sido dado, cabe a cada um de nós tomar nossas precauções. Sem a participação de todos qualquer apelo do poder público será ineficaz. Faça sua parte! E assim podemos salvar vidas, não só dos nossos como de outrem.

### PREVENÇÃO

Prevenir é a melhor forma de evitar a dengue, zika e chikungunya. A maior parte dos focos do mosquito está nos domicílios, assim as medidas preventivas envolvem o nosso quintal e também os dos vizinhos.

## A COVID-19 OFICIAL



Ivar Hartmann

Cada um faz sua vida de acordo com suas opiniões. Incluindo aceitar fake news, facilitadas pelos canais de informação instantânea. Se uma fake está ao meu agrado, mando rapidamente para meus amigos, esperando levantar adeptos ou mudar opiniões. Sem cuidar se são falsidades. No Brasil, questões de saúde como a Covid-19, tornam-se questões políticas. Se meu guru político, mesmo que não seja profissional da área da saúde pública, diz que vacina e máscara são bobagens, eu adoto a opinião. E se uma destas fake que proliferam pelo Brasil, traz uma conversa de uma profissional médica de que ninguém ouviu falar, ou uma fala presidencial dizendo que vacina contra Covid facilita a AIDS, eu acredito e repasso. Não analiso a bobagem porque ela está de acordo com minha opinião. Como a tal “imunidade de rebanho”. Que mais diz respeito a bovinos.

E, ainda assim, inexistente sem vacinas. Como se vê no combate a “febre aftosa”, a mais temível enfermidade vacum.

Feito o alerta acima, escrevo agora para as pessoas de mente aberta, que prezam sua saúde e defendem a saúde dos seus próximos. A FEEVALE, Universidade prestigiosa do Brasil, sediada em Novo Hamburgo, procede, semanalmente, a um levantamento sobre a situação da COVID no Vale dos Sinos, em seu Laboratório de Microbiologia Molecular. Estudo científico, portanto apolítico. De universidade de ponta no ensino brasileiro. Conclusão recente diz que os casos de internação e mortes se mantem com poucas oscilações. E faz uma conclusão abrangente: “É um indiscutível resultado da vacinação em massa e dos cuidados básicos mantidos por parte da população, incluindo o uso de máscaras.” Resultado de estudos científicos. Quem sou eu, ou o Bolsô, para acrescentar algo?

## Pandemia e Reduccionismo

Robson Stigar / Vanessa Ruthes

Atualmente, vivemos num cenário de turbulências e preocupações com os impactos sociais e econômicos atuais que virão em decorrência da pandemia do vírus Covid-19, instaurando uma crise social, econômica e ética de forma genérica no mundo. A crise da Covid-19 forçou o mundo a parar e refletir sobre o caminho que vinha tomando. De um dia para o outro, ficamos retidos em casa, mudamos radicalmente nossos hábitos e reinventamos nossa forma de viver e trabalhar.

A pandemia em que se encontra submergida a humanidade está sendo reputada como o “maior desafio desde a Segunda Guerra Mundial. Essa Pandemia levanta questão ética quanto ao valor da vida humana e sobre o conflito entre solidariedade e competitividade. Em tempos de crise, a ética das pessoas, organizações e instituições se revelam. A pandemia causada pelo coronavírus veio nivelar a humanidade. E suscitar sérias questões éticas. Não faz distinção de classe, como a anemia e o raquitismo, que resultam da fome; ou de gênero, como as doenças da próstata.

Trata-se, agora, de enfrentar um inimigo invisível que exige urgente mobilização global para deter o seu avanço. E é em momentos de crise como este que as pessoas se revelam. A questão ética fundamental que a pandemia levanta é quanto ao valor da vida humana. Para o capitalismo, em si tem valor zero, a menos que revestida de adereços com valor de mercado e robustecida por bens patrimoniais e financeiros.

O avanço da biotecnociência abriu novas áreas de pesquisas, criando novas possibilidades de intervenções humanas sobre a natureza. Elaborou uma nova maneira de compreender a evolução, permitindo que repensemos a vida, tal como a sua realidade e sua complexidade. Com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia o ser humano programa a sua vida, sua sociedade, provocando um novo hábito, uma nova cultura. A formação do ser humano é um processo que se dá ao longo da vida, na medida em que as suas estruturas físicas, psíquicas e cognitivas lhe possibilitem viver desenvolvendo gradativa e plenamente os seus potenciais. Nesse sentido a formação humana deve ser compreendida como um processo que busca satisfazer as necessidades da pessoa de um modo integral.

A relevância da bioética vem sendo crescendo na atualidade a partir do desenvolvimento genético e de suas relações com o ser humano. São inúmeros os casos de eugenia que a própria mídia e os comitês de bioética vem apresentando, são situações diversas, mas de grande importância a vida humana.

A coluna dorsal é a manipulação do genoma, que tem como objetivo um aprimoramento genético, mas que não reconhece o ser humano e simplesmente o seu genótipo, ou seja, cria-se um reduccionismo biológico, ameaça a biodiversidade e ainda a imposição dos padrões genéticos sendo impostos a partir daqueles que datem o poder na sociedade.

Assim a bioética tem a responsabilidade de alertar a sociedade da realidade existente no mundo da biotecnociência, deve a bioética ser crítica, ser analítica e reflexiva diante das ações políticas e ideológicas. Infelizmente os cientistas não estão preocupados com o bem estar social e sim com o lucro que podem ter com a manipulação genética e outros, ou

seja o fator econômico esta a frente do científico e a bioética tem essa responsabilidade de evitar que a genética seja um fator ideológico determinista.

Os próprios cientistas afirmam que é a bioética é quem dara respostas satisfatórias a sociedade, para a pessoa humana, dando-lhes a oportunidade de escolha nas suas ações. O que acontece no laboratório deve ser exposto a sociedade e é a sociedade quem deve dizer o que fazer, ou seja a ética da sociedade deve estar presente na ética do laboratório. A bioética não nasceu com a idéia de proibir o desenvolvimento genético, mas nasceu com o princípio de ter ética, no desenvolvimento da manipulação genética.

O negacionismo ganha novamente espaço dentro da sociedade e coloca em xeque preceitos básicos e já sedimentados pela ciência no mundo. Negacionismo é a escolha de negar a realidade como forma de escapar de uma verdade desconfortável. Na ciência, o negacionismo é definido como a rejeição dos conceitos básicos, incontestáveis e apoiados por consenso científico a favor de ideias, tanto radicais quanto controversas.

Se não bastasse Coronavírus que já fez milhões de vítimas, ainda é preciso enfrentar uma onda forte de negacionismo da ciência. Adeptos da desinformação tentam boicotar a vacinação e contrariam o isolamento social e o uso de máscara, fortemente recomendados pela comunidade médica. Negar a ciência, no entanto, não é um fenômeno recente. No início da Idade Moderna, autoridades religiosas negavam os avanços científicos e as reflexões dos filósofos humanistas. Para calar quem trouxesse a ciência para o debate, eles usavam o poder que tinham para executar pessoas na fogueira.

O Reduccionismo é apresentado e definido como algo que foi reduzido, transformado, modificado, manipulado, em nome da ciência. Em modo geral na filosofia, o reduccionismo é o nome dado a teorias correlatas que afirmam, grosso modo, que objetos, fenômenos, teorias e significados complexos pode ser sempre reduzidos, a fim de explicá-los, a suas partes constituintes mais simples. O reduccionismo nada mais é que a redução de algo, ou seja, a transformação, a modificação, a manipulação de algo, afim de buscar a verdade ou a falsidade.



## FAZ SABER QUE PRETENDEM CASAR-SE:

015228 - JOÃO PEDRO INACIO SILVA, solteiro, maior, Bombeiro Civil, natural de Belo Horizonte-MG, residência Rua José Martins de Araújo, nº 124, Bairro: Paracatuzinho, Paracatu-MG, filho(a) de JOÃO LEONARDO SILVA e JANICE DE SOUZA SANTOS SILVA; e REISLA PEREIRA NEVES, solteira, maior, Estudante, natural de Belo Horizonte-MG, residência Rua José Martins de Araújo, nº 124, Bairro: Paracatuzinho, Paracatu-MG, filho(a) de NIVALDO TELES NEVES e ROSANGELA PEREIRA DA SILVA NEVES;

015229 - PAULIRAN RIBEIRO ALVES, solteiro, maior, Consultor Técnico, natural de Paracatu-MG, residência Rua Presbiteriana, 681, aptº203 Vila Mariana, Paracatu-MG, filho(a) de JEOVÁ ALVES DOS REIS e MARLI RIBEIRO ALVES; e RAYANNY GONÇALVES BOTELHO, solteira, maior, Do lar, natural de Paracatu-MG, residência Rua Presbiteriana, 681, aptº203 Vila Mariana, Paracatu-MG, filho(a) de MÁRCIO CARDOSO BOTELHO e MARLENE GONÇALVES DIAS BOTELHO;

015230 - MAURÍCIO AGOSTINHO FREITAS JÚNIOR, solteiro, maior, Advogado, natural de Niquelândia-GO, residência Rua Colômbia, nº 10, Aptº202, Parque do Príncipe, Paracatu-MG, filho(a) de MAURÍCIO AGOSTINHO FREITAS e DULCELENE APARECIDA DE LUCENA FREITAS; e MARCELA FREIRE DE PAULA, solteira, maior, Engenheira Civil, natural de São Pedro do Ivaí-PR, residência Rua Colômbia, nº 10, Aptº202, Parque do Príncipe, Paracatu-MG, filho(a) de DONIZETE APARECIDO DE PAULA e ROSALENE FREIRE DE PAULA;

015231 - MURILO MOURA COSTA, solteiro, maior, Engenheiro Civil, natural de Paracatu-MG, residência Rua: Adrilhes Ulhoa, nº799, Paracatuzinho, Paracatu-MG, filho(a) de ALBERTO VAZ DA COSTA e NELLY FERREIRA DE MOURA COSTA; e MIRIELE CARDOSO DE OLIVEIRA, solteira, maior, Técnica em Radiologia, natural de Paracatu-MG, residência Rua: Dom Helder Camara, nº620, Bom Pastor, Paracatu-MG, filho(a) de MÁRCIO CARDOSO DOS SANTOS e NEUSA SOUZA DE OLIVEIRA;

015232 - MOACIR RAMON ALVES MENDES, solteiro, maior, Comerciante, natural de Paracatu-MG, residência Rua Padre Nóbrega nº265, JK, Paracatu-MG, filho(a) de MOACIR MENDES DA PAIXÃO e LÁZARA ALVES MENDES; e JÉSSICA TORRES CÂNDIDO, solteira, maior, Secretária, natural de Paracatu-MG, residência Rua Linha da Transmissão, nº426, Nossa Senhora de Fátima, Paracatu-MG, filho(a) de JOSÉ OSVALDO CÂNDIDO e EFIGÊNIA ALVES TORRES;

015233 - DIEGO PERES CARDOSO, solteiro, maior, Vendedor, natural de Paracatu-MG, residência Travessa Adalto Pereira da Silva, nº 858, Alto do Açude, Paracatu-MG, filho(a) de MARCELO MALTA CARDOSO e BENEDITA PERES CARDOSO; e RAYANE CONCEIÇÃO CANDIDO PEREIRA, solteira, maior, Estudante, natural de Paracatu-MG, residência Rua Leonina Peres Araújo, nº62, Vista Alegre, Paracatu-MG, filho(a) de HELMES CANDIDO PEREIRA e CILZE MEIRE OLIVEIRA MELO;

015234 - VINICIUS DA SILVA MATOS, divorciado, maior, Policial Militar e Nutricionista, natural de Nanuque-MG, residência Rua Frei Anselmo nº435 Bairro: Lavrado, Paracatu-MG, filho(a) de SILVESTRE MARTINS DE

MATOS e BERNADETE DA SILVA DE MATOS; e RANAYLA PEREIRA MENDES, solteira, maior, Secretária, natural de Brasília-DF, residência Rua Antônio Neto, nº180, Bairro: Santana, Paracatu-MG, filho(a) de e ELIZANIA APARECIDA PEREIRA MENDES;

015235 - VALDINEI SILVÉRIO DA SILVA, solteiro, maior, Rasteleiro, natural de Paracatu-MG, residência Rua Vicente Lopes Costa, nº 132, Bairro: Alto do Açude, Paracatu-MG, filho(a) de VALDIR SILVÉRIO DA SILVA e INAS DE FÁTIMA SANTANA DA SILVA; e JOICE PEREIRA DE SOUSA, solteira, maior, Autônoma, natural de Paracatu-MG, residência Rua Vicente Lopes Costa, nº 132, Bairro: Alto do Açude, Paracatu-MG, filho(a) de e MARIA SOLAIA PEREIRA DE SOUSA;

015236 - DONIZETE OLIVEIRA MELO, solteiro, maior, Sócio Administrativo, natural de Paracatu-MG, residência Rua Rodrigues Bijos nº 283, Bairro: Alto do Córrego, Paracatu-MG, filho(a) de ELIZETE MELO MONTEIRO e VALDA MARIA MENDES DE OLIVEIRA MELO; e GEOMÁRIA DE CARVALHO SANTOS, solteira, maior, Professora, natural de Paracatu-MG, residência Rua Antônio Joaquim de Moura Pimentel, nº 235, Bairro: JK, Paracatu-MG, filho(a) de JEOVÁ JÚNIOR SANTOS e MARIA DA PENA DE CARVALHO SANTOS;

015237 - FELIPE VITOR SANTOS FARIA, solteiro, maior, Mecânico, natural de Paracatu-MG, residência Travessa São Domingos, nº 30 Bairro: Alto do Açude, Paracatu-MG, filho(a) de JASSON NOGUEIRA FARIA e MARIA HELENA DOS SANTOS FARIA; e MILENA RODRIGUES OLIVEIRA, solteira, maior, Atendente, natural de Paracatu-MG, residência Rua Julia Joaquim de Oliveira nº 267, Bairro: Novo Horizonte, Paracatu-MG, filho(a) de RODRIGO JOSÉ DE OLIVEIRA e MARILENE RODRIGUES BARBOSA;

015238 - MATHEUS MONTEIRO MACHADO, solteiro, maior, Vidraceiro, natural de Vazante-MG, residência Rua 2, nº48, Bairro: Vista Alegre, Paracatu-MG, filho(a) de IVANI JOSÉ LINO MACHADO e GLEICE MONTEIRO MACHADO; e LORENA ALVES DOS SANTOS, solteira, nascida em 3 de dezembro de 2004, Operadora de Caixa, natural de Paracatu-MG, residência Rua da Cooperativa nº20 Bairro: Alvorada, Paracatu-MG, filho(a) de ZIRLEY ALVES VASCONCELOS e SEBASTIANA SOARES DOS SANTOS;

015239 - DANIEL SILVA BARBOSA, solteiro, maior, Motorista, natural de Paracatu-MG, residência Rua das Carambolas nº 259 Bairro:Primavera, Paracatu-MG, filho(a) de GERMANO PEREIRA DA SILVA e MAGALY BARBOSA DA SILVA; e EMACIELE CONCEIÇÃO FRANCO OLIVEIRA, solteira, maior, Enfermeira, natural de Paracatu-MG, residência Rua das Carambolas nº 259 Bairro:Primavera, Paracatu-MG, filho(a) de LIBERINO GOMES DE OLIVEIRA e MARIA TEREZINHA BATISTA FRANCO.

**Os contraentes apresentaram os documentos exigidos pelo art.1525 do Código Civil Brasileiro. Se alguém souber de algum impedimento, que os impeçam de se casar, que o faça na forma da Lei.**



COOPERATIVA AGRÍCOLA  
**OESTE MINEIRO**  
LTDA

Estrada do Melo, km 24,5 - Zona Rural - Guarda Mor - MG  
CGC/MF n.º 86 670 411/0001-00 - Insc.Est. n.º 286 908 136 0000  
Telefones: (38) 3504-9063 / 3504-9064  
CEP 38.570-000

## EDITAL DE CONVOCAÇÃO

## ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

O Presidente da **COOPERATIVA AGRÍCOLA OESTE MINEIRO LTDA**, no uso de suas atribuições conferidas pelo Estatuto Social, convoca os seus associados para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária que se realizará em sua sede social na Estrada do Melo km 24,5 no Município de Guarda Mor, Estado de Minas Gerais, no dia 03 de Março de 2022 (quinta-feira), em primeira convocação às 16:00 (dezesesseis) horas com a presença de 2/3 (dois terços) do número de associados. Caso não haja número legal para instalação, ficam desde já convocados para segunda convocação às 17:00 (dezesete) horas, no mesmo dia e local com a presença de metade mais um do número total de associados. Persistindo a falta de "quórum legal", a Assembléia realizar-se-á, então no mesmo dia e local, em terceira e última convocação, às 18:00 (dezoito) horas, com presença mínima de 10 (dez) associados, a fim de deliberar sobre a seguinte ordem do dia:

- Leitura para discussão e julgamento do Relatório do Conselho de Administração, Parecer do Conselho Fiscal, Balanço Geral, Demonstração de Sobras e Perdas e demais contas do Exercício encerrado em 31 de Dezembro de 2021;
- Destinação das Sobras ou Perdas do Exercício de 2021;
- Eleição dos Membros do Conselho Fiscal;
- Outros assuntos de interesse geral.

Guarda Mor/MG, 18 de janeiro de 2022.

ANDRE LUIZ  
KOHL:08141579630

Assinado de forma digital por  
ANDRE LUIZ KOHL:08141579630  
Dados: 2022.01.18 12:59:39  
-03'00'

**ANDRÉ LUIZ KOHL**  
PRESIDENTE

## Um adeus a grande diva da MPB, eis a força de uma mulher

“O meu filho mais velho estava morrendo e eu já tinha perdido 2 filhos e não queria perder mais um” - conta Elza Soares, a cantora.

“Um dia descobri que cantava.

O meu filho mais velho João Carlos estava morrendo e eu já tinha perdido 2 filhos e não queria perder mais um.

Eu não tinha dinheiro pra cuidar do meu filho e ouvi no rádio que o programa do Ary Barroso de calouros Nota 5, estava com o prêmio acumulado. Não sei como, mas eu sabia que ia buscar esse prêmio!

Fiz a inscrição e me avisaram que eu precisava ir bonita.

Mas eu não tinha roupa nem sapatos, não tinha nada! Então, eu peguei uma roupa da minha mãe, que pesava 60kg e vesti, só que eu pesava 32kg, já viu né? Ajustei com alfinetes. Tudo bem que agora é moda né? Hoje até a Madonna usa, mas essa moda aí fui eu que comecei viu?

Alfinetes na roupa é muito meu, é coisa de Elza!

No pé coloquei uma sandália que a gente chamava de “mamãe tô na merda”, e fui! Quando me chamaram, levantei e entrei no palco do auditório.

O auditório tava lotado, todo mundo começou a rir alto debochando de mim.

Seu Ary me chamou e perguntou:

— O que você veio fazer aqui?

— Eu vim Cantar!

— Me diz uma coisa, de que planeta você veio?

— Do mesmo planeta seu Seu Ary.

— E qual é o meu planeta?

— PLANETA FOME!



Ali, todo mundo que estava rindo viu que a coisa era séria e sentaram bem quietinhos.

Cantei a música Lama.

O Gongo não souu e eu ganhei, levei o prêmio e meu filho está vivo até hoje, graças a Deus!

De lá pra cá, sempre levo comigo um Alfinete.

Naquela época eu achava que se tivesse alimentos pros meus filhos, não teria mais fome.

O tempo passou e eu continuei com fome, fome de cultura, de dignidade, de educação, de igualdade e muito mais, percebo que a fome só muda de cara, mas não tem fim.

Há sempre um vazio que a gente não consegue preencher e talvez seja essa mesma a razão da nossa existência.”

**Elza Soares**

## 95 anos de Tom Jobim: Leia entrevista dada à Clarice Lispector

Se estivesse vivo, Tom Jobim estaria completando 95 anos de idade no próximo dia 25 de janeiro de 2022. Em sua homenagem, o Jornal O Lábaro compartilha um bate papo entre o mestre e a mestra escritora Clarice Lispector publicado quando Antônio Carlos Jobim tinha apenas 41 anos de idade. A fonte do diálogo entre os dois artistas é – LISPECTOR, Clarice. Clarice na cabeceira: jornalismo. 1º ed., Rio de Janeiro: Rocco, 2012. [Entrevista originalmente publicada na Revista “Manchete”, em 21 de setembro de 1968].

FOTO: ACERVO ARQUIVO NACIONAL



Clarice e Tom Jobim

Tom Jobim e eu já nos conhecíamos: ele foi o meu padrinho no Primeiro Festival de Escritores, quando foi lançado meu livro A maçã no escuro. E ele fazia brincadeiras: segurava o livro na mão e perguntava: quem compra? Quem quer comprar?

Para este diálogo, marcamos às seis da tarde: às seis e trinta e cinco tocavam a campanha da porta. E era o mesmo Tom que eu conhecia: bonito, simpático, com um ar puro malgrê lui, com os cabelos um pouco caídos na testa. Um uísque na mesa e começamos quase que imediatamente a entrevista.

– Como é que você encara o problema da maturidade? É terrível ter quarenta anos? – Tem um verso do Drummond que diz: “A madureza, esta horrível prenda...” não sei, Clarice, a gente fica mais capaz, mas também mais exigente.

– Não faz mal, Tom, a gente exige bem.

– Com a maturidade a gente passa a ter consciência de uma série de coisas que antes não tinha, mesmo os instintos, os mais espontâneos, passam pelo filtro. A polícia do espaço está presente, essa polícia que é a verdadeira polícia da gente. Tenho notado que a música vem mudando com os meios de divulgação, com a preguiça de se ir ao Teatro Municipal. Quero te fazer esta pergunta, Clarice, a respeito da leitura dos livros, pois hoje em dia estão ouvindo televisão e rádio de pilha, meios inadequados. Tudo o que escrevi de erudito e mais sério fica na gaveta. Que não haja mal-entendido: a música popular considero-a seriíssima. Será que hoje em dia as pessoas estão lendo como eu lia quando garoto, tendo hábito de ir para a cama com um livro antes de dormir? Porque sinto uma espécie de falta de tempo da humanidade – o que vai entrar mesmo é a leitura dinâmica. Que é que você acha?

– Sofro se isto acontecer, que alguém me leia apenas do método vira-página dinâmico. Escrevo com amor e atenção e ternura e dor e pesquisa, e queria de volta, como mínimo, uma atenção completa. Uma atenção e um interesse como o seu, Tom. E no entanto o cômico é que eu não tenho mais paciência de ler ficção.

– Mais aí você está se negando, Clarice!

– Não, meus livros felizmente para mim não são superlotados de fatos, e sim da repercussão dos fatos no indivíduo. Há quem diga a literatura e a música vão acabar. Sabe quem disse?

Henry Miller. Não sei se ele queria dizer para já ou para daqui a trezentos ou quinhentos anos. Mas eu acho que nunca acabarão. Riso feliz de Tom:

– Pois eu, sabe, também acho!

– Acho que o som da música é imprescindível para o ser humano e que o uso da palavra falada e escrita são como a música, duas coisas das mais altas que nos elevam do reino dos macacos, do reino animal.

– E mineral também, e vegetal também! (Ele ri) Acho que sou um músico que acredita em palavras. Li ontem o teu O búfalo e a Imitação da rosa.

– Sim, mas é a morte às vezes. – A morte não existe, Clarice. Tive uma (uma com agá: huma) experiência que me revelou isso. Assim como também não existe o eu nem o euzinho nem o euzão. Fora essa experi-

ência que não vou contar, temo a morte vinte e quatro horas por dia. A morte do eu, eu te juro, Clarice, porque eu vi.

– Tem alguma coisa além do eu, Tom. – Além de tudo (ri) e vivam os estudantes! Se eu não defender os estudantes, estou desprotegendo meus filhos. Se esse eco do sucesso não nos interessa em vida, muito menos depois da morte. Isso é o que eu chamo de mortalidade.

Tom Jobim – Foto: Antônio Andrade

– Você acredita em reencarnação, Tom?

– Não sei. Dizem os hindus que só entende de reencarnação quem tem consciência das várias vidas que viveu. Evidentemente não é meu ponto de vista: se existe reencarnação só pode ser por um despojamento.

Dei-lhe então a epígrafe de um de meus livros: é uma frase de Bernard Berenson, crítico de arte: “Uma vida completa talvez seja aquela que termina em tal identificação com o não eu que não resta um eu para morrer.”

– Isto é muito bonito, é o despojamento. Caí numa armadilha porque sem o eu, eu me neguei. Se nós negamos qualquer passagem de um eu para outro, o que significa reencarnação, então a estamos negando.

– Não estou entendendo nada do que nós estamos falando, mas faz sentido. Como podemos, Tom, falar do que não entendemos. Vamos ver se na próxima reencarnação nós dois nos encontramos mais cedo. Que é que você acha do fato da liderança do mundo estar hoje nas mãos dos estudantes?

– Acho que não podia ser de outra forma e que venham os estudantes. Vladimir sabe disso.

– A sociedade industrial organiza e despersonaliza demais a vida. Você não acha, Tom, que está reservado aos artistas o papel de preservar a alegria do mundo? Ou a consciência do mundo?

– Sou contra a arte de consumo. Claro, Clarice, que eu amo o consumo... Mas do momento que a standardização de tudo tira a alegria de viver, sou contra a industrialização. Sou a favor do maquinismo que facilita a vida humana, jamais a máquina que domina a espécie humana. Claro, os artistas devem preservar a alegria do mundo. Embora a arte ande tão alienada e só dê tristeza ao mundo. Mas não é culpa da arte porque ela tem o papel de refletir o mundo. Ela reflete e é honesta. Viva Oscar Niemeyer e viva Villa-Lobos! Viva Clarice Lispector! Viva Antônio Carlos Jobim! A nossa, Clarice, é uma arte que denuncia. Tenho sinfonias e músicas de câmara que não vêm à tona.

– Você não acha que é dever seu o de fazer a música que sua alma pede? Pelas coisas que você disse, suponho que significa que o nosso melhor está dito para as elites?

– Evidentemente que nós, para nos expressarmos, temos que recorrer à linguagem das elites, elites estas que não existem no Brasil... Eis o grande drama de Carlos Drummond de Andrade e Villa-Lobos.

– Para quem você faz música e para quem eu escrevo?

– Acho que não nos foi perguntado nada a respeito, e, desprevenidos, ouvimos no entanto a música e a palavra, sem tê-las realmente aprendido de ninguém. Não nos coube a escolha: você e eu trabalhamos sob uma inspiração. De nossa ingrata argila de que é feito o gesso. Ingrata mesmo para conosco. A crítica que eu no faria, Clarice, nesse confortável apartamento do Leme, é de sermos seres rarefeitos que só se dão em determinadas alturas. A gente devia se dar mais, a toda hora, indiscriminadamente. Hoje quando leio uma partitura de Stravinsky ainda mais sinto uma vontade irreprimível de estar com o povo, embora a cultura jogada fora volte pelas janelas – estou roubando C.D.A.

– Por que nós todos somos parte de uma geração quem sabe se fracassada?

– Não concordo absolutamente!

– disse Tom.

– É que eu sinto que nós chegamos ao limiar de portas que estavam abertas – e por medo ou pelo que não sei, não atravessamos plenamente essas portas. Que no entanto têm nelas já gravadas nosso nome. Cada pessoa tem uma porta com seu nome gravado, Tom, e é só através dela que essa pessoa perdida pode entrar e se achar. – Batei e abri-me-vos-á.

– Vou confessar a você, Tom, sem o menor vestígio de mentira: sinto que se eu tivesse tido coragem mesmo, eu já teria atravessado a minha porta, e sem medo de que me chamassem de louca. Porque existe uma nova linguagem, tanto a musical quanto a escrita, e nós dois seríamos os legítimos representantes das portas estreitas que nos pertencem. Em resumo e sem vaidade: estou simplesmente dizendo que nós dois temos uma vocação a cumprir. Como se processa em você a elaboração musical que termina em criação? Estou simplesmente misturando tudo, mas não é culpa minha, Tom, nem sua: é que esta entrevista foi se tornando meio psicodélica. – A criação musical em mim é compulsória. Os anseios de liberdade se manifestam.

– Liberdade interna ou externa?

– A liberdade total. Se como homem fui um pequeno-burguês adaptado, como artista me vinguei nas amplidões do amor. Você desculpe, eu não quero mais uísque por causa de minha voracidade, tenho que é que beber cerveja porque ela locupleta os grandes vazios da alma. Ou pelo menos impede a embriaguez súbita. Gosto de beber só de vez em quando. Gosto de tomar uma cerveja mas de estar bêbado não gosto. (Foi devidamente providenciada a ida da empregada para comprar cerveja.)

– Tom, toda pessoa muito conhecida, como você, é no fundo o grande desconhecido. Qual é a sua face oculta? – A música. O ambiente era competitivo, e eu teria que matar meu colega e meu irmão para sobreviver. O espetáculo do mundo me soou falso. O piano no quarto escuro me oferecia uma possibilidade de harmônio infinita. Esta é a minha face oculta. A minha fuga, a minha timidez me levaram inadvertidamente, contra a minha vontade, aos holofotes do Carnegie Hall. Sempre fugi do sucesso, Clarice, como o diabo foge da cruz. Sempre quis ser aquele que não vai ao palco. O piano me oferecia, de volta da praia, um mundo insuspeitado de ampla liberdade – as notas eram todas disponíveis e eu antevi que se abriam os caminhos, que tudo era lícito, e que se poderia ir a qualquer lugar desde que se fosse inteiro. Subitamente, sabe, aquilo que se oferece a um menor púbere, que o grande sonho de amor estava lá e que este sonho tão inseguro era seguro, não, Clarice? Sabe que a flor não sabe que é flor. Eu me perdi e me ganhei, enquanto isso sonhava pela fechadura os seios de minha empregada. Eram lindos os seios dela através do buraco da fechadura.

– Tom, você seria capaz de improvisar um poema que servisse de letra para uma canção? Ele assentiu e, depois de uma pequena pausa, me ditou o que se segue: Teus olhos verdes são maiores que o mar. Se um dia fosse tão forte quanto você eu te desprezaria e viveria no espaço. Ou talvez então eu te amasse.

Ai! Que saudades me dá da vida que nunca tive!

– Como é que você sente que vai nascer uma canção?

– As dores do parto são terríveis. Bater com

a cabeça na parede, angústia, o desnecessário do necessário, são os sintomas de uma nova música nascendo. Eu gosto mais de uma música quanto menos eu mexo nela. Qualquer resquício de savoir faire me apavora.

– Tom, Gauguin, que não é meu predileto, disse no entanto uma coisa que não se deve esquecer, por mais dor que ela nos traga. É o seguinte: “Quando tua mão estiver hábil, pinta com a esquerda, quando a esquerda ficar hábil, pinta com os pés.” Isso responde ao seu terror do savoir faire. – Para mim a habilidade é muito útil mas em última instância a habilidade é inútil. Só a criação satisfaz. Verdade ou mentira, Clarice, eu prefiro uma forma torta que diga, do que uma forma hábil que não diga.

– Você é quem escolhe os intérpretes? e os colaboradores?

– Quando posso escolher intérpretes, escolho. Mas a vida veio muito depressa. Gosto de colaborar com quem eu amo, Vinícius, Chico Buarque, João Gilberto, Newton Mendonça, Dolores Duran. E você?

– Faz parte da minha profissão estar mesmo sempre sozinho, sem colaboradores e intérpretes. Escute, Tom, todas as vezes em que eu acabei de escrever um livro ou um conto, pensei com desespero e com toda a certeza de que nunca mais escreveria nada. Você, que sensação tem quando acaba de dar à luz uma canção?

– Exatamente o mesmo. Eu sempre penso, Clarice, que morri depois das dores do parto.

– Vou agora lhe fazer as minhas três perguntas clássicas. Qual é a coisa mais importante do mundo? Qual é a coisa mais importante para a pessoa como indivíduo? E o que é amor?

– A coisa mais importantes do mundo é o amor. Segunda pergunta: a integridade da alma, mesmo que no exterior ela pareça suja. Quando ela diz que sim, é sim, quando ela diz que não, é não. E durma-se com um barulho desses. Apesar de todos os santos, apesar de todos os dólares. Quanto ao que é o amor, amor é se dar, se dar, se dar. Dar-se não de acordo com o seu eu – muita gente pensa que está se dando e não está dando nada – mas de acordo com o eu do ente amado. Quem não se dá, a si próprio detesta, e a si próprio se castra. Amor sozinho é besteira.

– Houve algum momento decisivo na sua vida?

– Só houve momentos decisivos na minha vida. Inclusive ter de ir, aos 36 anos, aos Estados Unidos, por força do Itamaraty, eu que gostava já nessa época de pijama listrado, cadeira de balanço de vime, e o céu azul com nuvens esparsas.

– Muitas vezes, nas criações em qualquer domínio, pode-se notar tese, antítese e síntese. Você sente isso nas suas canções? Pense.

– Sinto demais isso. Sou um matemático amoroso, carente de amor e de matemática. Sem forma não há nada. Mesmo no caótico há forma.

– Quais foram as grandes emoções de sua vida como compositor e na sua vida pessoal?

– Como compositor nenhuma. Na minha vida pessoal, a descoberta do eu e do não eu.

– Qual é o tipo de música brasileira que faz sucesso no exterior?

– Todos os tipos. O velho mundo, Europa e Estados Unidos estão completamente exauridos de temas, de força, de virilidade. O Brasil, apesar de tudo, é um país de alma extremamente livre. Ele conduz à criação, ele é conivente com os grandes estados de alma.

Fonte: – LISPECTOR, Clarice. Clarice na cabeceira: jornalismo. 1º Edição. Rio de Janeiro: Rocco, 2012. [Originalmente publicado em: Revista “Manchete”, 21 de setembro de 1968.

# JUNTOS ESTAMOS COMBATENDO A COVID. E JUNTOS VAMOS VENCER A DENGUE.

Juntos estamos combatendo a covid-19 em nossa cidade. Está na hora de derrubarmos o *Aedes aegypti* também. Se cada um fizer a sua parte, não tem vírus ou mosquito que a gente não possa derrotar. Por isso, não deixe água parada, limpe os vasos de plantas e não junte lixo em casa.

**Vamos deixar Paracatu livre da covid e da dengue!**



**PARACATU**  
PREFEITURA

**UM NOVO  
TEMPO  
PARA TODOS**

## É HORA DE PARAR O MOSQUITO



## DISFARCE

\*Miguel Francisco do Sêrro

Em regra, as pessoas normais por meio do raciocínio natural desde o início da vida de pensadores, dão início às atividades de encenação.

Se bem observarmos, em certas ocasiões, mesmo sem razão ou motivação que justifique alguns de nós experimentamos alterar uma verdade ou disfarça-la, indicando um resultado ou situação diferente do fato real.

É bem verdade que ocorrem situações excepcionais que uma mentira bem colocada pode evitar males maiores, no entanto, não devemos adotar o DISFARCE como regra.

As atividades humanas que envolvem enganação transforma o ator (atriz) num sofredor constante, vive a pessoa num mundo irreal e não lhe permite sossego. A representação feita por nós exige esforço fora do comum para aparentar um mínimo de credibilidade, muito mais fácil sustentar uma verdade carregada de sofrimento que manter segredo de uma pequena mentira feliz DISFARÇADA de verdade.

Como se vivêssemos num cenário permanente, mais dia menos dia estamos “representando” ou disfarçando, o pior é que já notamos esse defeito nos “serhumaninhos” de pouca idade, parecem vir ao mundo impregnados dessa vontade de alterar a verdade, substituindo-a por um resultado que lhe seja mais interessante.

Essa constatação nos sugere uma triste realidade, por gerações estamos obrigados a viver no mundo de faz de conta, onde atos e fatos apresentam sempre resultados pré-elaborados. Nada contra os profissionais



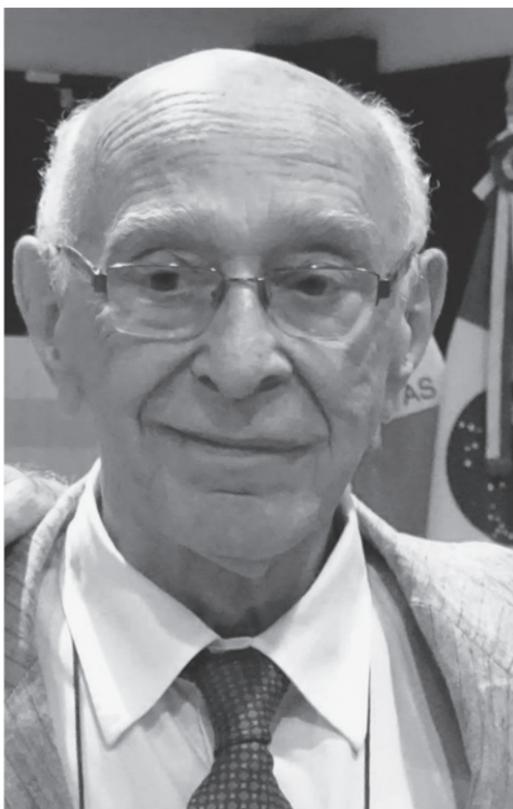
da área de encenação em teatros e filmes, esses, vivem disso.

Mas na vida real todos nós lidamos constantemente com um monte de enganação, trapaças e mentiras, como se DISFARÇAR fosse obrigação, é tipo “cobra engolindo cobra”, cada recurso bom que um ser humano cria e disponibiliza gera enorme quantidade de falsificações, estima-se que aproximadamente 4 versões novas são produzidas pelos aproveitadores a cada lançamento e esse número triplica quando o produto faz sucesso no mercado.

Precisamos estar atentos às enganações, especialmente com as ofertas “tentadoras”, se entrar no google sem nenhuma dívida para pagar e começar a fornecer seus dados, logo estará devendo até os últimos fios de cabelo, trapaceiros de plantão te convencerá por meios dos DISFARCES a criar dívidas impagáveis, fique esperto!

\*Advogado

## Professor José Israel Vargas



O Departamento de Química - ICEx da UFMG tem enorme orgulho em ter em seus quadros uma figura cumeira da ciência e da intelectualidade brasileira, o Professor José Israel Vargas. Na data de seu aniversário, 09 de janeiro, toda a comunidade do Departamento de Química se rejubila por tê-lo conosco e lhe envia os melhores augúrios pela passagem de mais um ano de inspiração e exemplo para todos.

No caminho com as conhecidas dificuldades para se desenvolver a ciência no Bra-

sil, ter ao lado um legítimo exemplo de espírito tão luminoso é literalmente um farol que penetra as brumas e aponta o sentido da evolução do espírito humano. Isto é que é o verdadeiro sentido de uma universidade, em que coexistem e se fortalecem todas as criações da mente humana.

Congratulamo-nos com o Professor Vargas e lhe desejamos, nesta data especial, todas as felicidades, ao mesmo tempo em que agradecemos sua presença e inspiração constante entre nós.

Belo Horizonte, 09 de janeiro de 2022

## Uma prosa sobre VACINAÇÃO

\*Por: Dr. Josué da Silva Brito



Uma rápida passagem nos jornais, uma conversa com o barbeiro ou com o taxista, mostram que não se fala em outra coisa no país a não ser vacinação. Esse assunto entrou em pauta a partir da recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) de que o país vacinasse as crianças a partir de 5 anos. Desde então, o Ministério da Saúde abriu consulta pública, figuras públicas empobreceram o debate com todo tipo de delírio argumentativo e desinformação. Mas, afinal, o que a história e o presente nos dizem sobre vacinação?

A vacinação obrigatória no país, ao contrário do que se especula, não é uma novidade. A primeira vacinação obrigatória foi instituída em 1837 para crianças e em 1864 para adultos. Ainda no século XIX, o país já contava com um Instituto Vacínio, mostrando-se como um grande entusiasta desse processo. Cabe ressaltar, contudo, que vacinação obrigatória é diferente de vacinação compulsória. Não mais, diferente do que ocorreu no sanitarismo campanhista de Oswaldo Cruz, emprega-se força coercitiva para obrigar que alguém se vacine ou vacine algum familiar.

A vacinação é hoje um pacto coletivo, de importância social. Altas taxas de cobertura são necessárias para garantir o controle de circulação de vírus e bactéria e das taxas de hospitalização e mortalidade. E isso vale para todas as vacinas do calendário vacinal, não somente para a doença do coronavírus 19 (COVID-19), agora em voga. Foi através da vacinação que controlamos o sarampo, a varíola, a paralisia infantil, a meningite grave e várias outras doenças. Neste sentido, é sim possível não se vacinar, desde que se arque com o ônus dessa atitude e há lei para isso. O Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece que é direito da criança, dever do Estado oferecer meios para essa vacinação e dos pais garantir a sua execução, sendo o não cumprimento passível de sanções, como multa e perda da guarda. Também a Lei 13.979/2020, estabelece que União, Estados e Municí-

pios possam cobrar a obrigatoriedade da vacina, o que já foi julgado constitucional pelo Supremo Tribunal Federal, em dezembro de 2020.

Um dos argumentos entre os que não querem se vacinar e não querem vacinar as crianças é que as vacinas atuais contra a COVID-19 são experimentais. Essa é uma conclusão equivocada que mostra como precisamos discutir ciência. (Estamos aqui para isso!) O desenvolvimento de medicamentos e vacinas passa pela pesquisa pré-clínica, isto é, estudos em laboratório e com animais, e uma pesquisa clínica composta por quatro fases. Na primeira fase, verifica-se a tolerabilidade e segurança em pacientes saudáveis. Na segunda fase, verifica-se, no público-alvo, a farmacocinética, a segurança e inicia-se a investigação de eficácia, que vai se concretizar na terceira fase. Ultrapassadas essas três fases, um produto não pode ser mais considerado experimental (pois, obviamente não é mais alvo de experiência científica ativa e encontra-se disponível ao grande público). Parte-se então para um acompanhamento do produto na vida real, a quarta fase perdura enquanto houver uso do produto. É o acompanhamento de efeitos colaterais e possíveis novos usos.

Argumenta-se ainda que as vacinas foram desenvolvidas em tempo exíguo e não se poderia, por isso, garantir a segurança. Ressalta-se que esse argumento não procede. A elaboração rápida de vacinas se deu por utilizar tecnologias que já são amplamente conhecidas ou estavam em pesquisa durante anos. O conhecimento acumulado por anos foi o que tornou possível a rápida execução. Ademais, todos os testes de verificação de segurança foram considerados adequados pelas autoridades sanitárias de relevância internacional.

Também se discute muito sobre efeitos colaterais. Sim, eles são esperados. A grande maioria deles são leves e de natureza transitória, como vermelhidão e dor no local da injeção, febre, dor de cabeça, cansaço, calafrio, enjoos, dores articulares e musculares. Efeitos graves, como miocardite, pericardite, síndrome de Guillain-Barré e anafilaxia, foram raramente encontrados, de forma que as vacinas são consideradas seguras e toleráveis.

Por fim, a eficácia das vacinas está diante dos nossos olhos. Mesmo com grande número de infectados no nosso país, a mortalidade diária continua em níveis considerados baixos e as taxas de hospitalização são inferiores as exibidas em outras ondas. Portanto, vacinem-se, cuidem-se de si e da sociedade. Esse é o nosso pacto social e uma prática de autocuidado.

\*Médico pelo UniAthenas - atuante na Atenção Básica em João Pinheiro-MG

**CRÉDITO  
CONSIGNADO.  
PARA VOCÊ  
ORGANIZAR  
SUA VIDA E  
REALIZAR MAIS.**



**Confira as vantagens e faça já o seu!**

- Agilidade na liberação.
- Parcelas descontadas do salário ou da folha de pagamento.
- Taxas atrativas e prazos maiores.
- Sem avalista.

**• INSS • Servidor Público • Siape • Setor Privado**

 **SICOOB**  
Credigerais

Central de Atendimento Bancoob: 0800 724 4420

Ouvidoria Bancoob: 0800 646 4001

Deficientes auditivos ou de fala: 0800 940 0458